

Martin Heidegger e a essência da técnica



DULCE CRITELLI

Resumo

Há 2.400 anos a civilização ocidental começou a se constituir e modelar o seu destino projetando-se sobre a crença de que o papel do homem no universo era o do domínio sobre o ente: o mundo, todas as coisas que nele se apresentam e o próprio homem. Um domínio que principia com o trabalho do intelecto em definir o existente (Aristóteles) e se alastra para todo o agir humano. Essa tendência, desde a modernidade, tem sua mais plena expressão e acabamento na técnica. A essência da técnica é a essência e o destino do Ocidente.

Palavras-chave: fenomenologia-existencial; técnica; epistemologia; filosofia; destino histórico.

Abstract

The western civilization began, 2400 years ago, to constitute and to model her destiny being projected on the faith that

the man's rule in the universe was that of the domain on the being: the world, all the things present and the man itself. A domain that begins with the work of the intellect to define the existent (Aristotle) and that spreads the human act as a whole. That tendency, since modernity, has a fuller expression and finishing in the technique. The essence of the technique is the essence and the destiny of the Occident.

Key-words: phenomenology-existential; technical; epistemology; philosophy; destiny historical.

Martin Heidegger, pensador controverso quanto às posições políticas que lhe são atribuídas durante o regime nazista — ainda que ele próprio as conteste em entrevista publicada na revista *Der Spiegel*, por um pedido seu, apenas após sua morte — legamos muito mais do que essa polêmica. Quando conseguimos penetrar no âm-

go do seu pensamento, percebemos a incongruência das tentativas feitas em ligar sua filosofia ao nazismo ou a qualquer tendência totalitária.

Heidegger é um pensador controverso sim, mas no interior mesmo da filosofia e ante a tradição do pensar que se estabeleceu no Ocidente. Por isso mesmo, mais do que pelo estilo do raciocínio e dos conceitos que cria, é um filósofo de difícil leitura e compreensão. Imersos e instruídos por essa tradição, a que ele chama de metafísica, de partida estamos impossibilitados de ver a partir de um ângulo diferente daquele do nosso hábito. Ainda mais quando esse hábito tem a solidez de 2.400 anos e o peso de uma decisão histórica.

Visto dessa perspectiva, portanto, o pensamento de Heidegger não se apresenta a nossa atualidade com a força de uma determinação nem como a prescrição de caminho bem delineado. Mais parece ter o estatuto de um testamento. E entre os bens nele arrolados quero destacar a descoberta da vocação técnica do Ocidente, a abertura de um caminho inaudito para o pensamento ocidental e a projeção de uma nova ética.

Sobre a vocação técnica do Ocidente

É da chamada segunda fase do pensamento de Heidegger o desocultamento da essência da técnica moderna e do seu reconhecimento como a vocação do Ocidente, em especial moderno e contemporâneo.

Se quisermos pensar a técnica como um conjunto de aparelhos ou um com-

plexo instrumental, estaremos longe do pensamento heideggeriano. A técnica, em companhia da ciência, da alocação da arte no campo da estética, da transformação do fazer humano em cultura e da desdivinização da existência, é um fenômeno em que se expressa um modo-de-ser da nossa ocidentalidade, sua tendência fundamental.¹

A técnica é, essencialmente, uma modificação *sui generis* do fazer ou do agir humano. Nas palavras do filósofo:

Se pensarmos a técnica a partir da palavra grega *téchne* e de seu contexto, técnica significa: ter conhecimentos na produção. *Téchne* designa uma modalidade de saber. Produzir quer dizer: conduzir à sua manifestação, tornar acessível e disponível algo que, antes disso, ainda não estava aí como presente. Este produzir, vale dizer o elemento próprio da técnica, realiza-se de maneira singular, em meio o Ocidente europeu, através do desenvolvimento das modernas ciências matemáticas da natureza. Seu traço básico é o elemento técnico, que pela primeira vez apareceu, em sua forma nova e própria, através da física moderna. Pela técnica moderna é descerrada a energia oculta na natureza, o que se descerra é transformado, o que se transforma é reforçado, o que se reforça é armazenado, o que se armazena é distribuído. As maneiras pelas quais a energia da natureza é assegurada são controladas. O controle, por sua vez, também deve ser assegurado.²

1. Cf. HEIDEGGER, M. (1979), "A época da imagem do mundo". In *Sendas Perdidas*. Trad. José Rovira Armengol. 3ª ed. Buenos Aires, Losada.

2. Idem. (1972), "Uma Carta". In: *O Fim da Filosofia ou a Questão do Pensamento*. Trad. Ernildo Stein, São Paulo, Duas Cidades.

É dentro desse movimento que podemos entender, por exemplo, a produção da energia hidroelétrica. Primeiro há o desocultamento da energia na força da queda d'água, depois isolamos e apanhamos essa energia transformando-a, trabalho realizado pelas usinas. Em seguida, reforçamos seu potencial e a armazenamos, para então, através da construção de redes, distribuí-la para os seus diversos usos. Todo esse processo exige um asseguramento, isto é, a certificação de que poderá ser sustentado e repetido sempre que necessário. O que garante o asseguramento do processo é o pensamento que calcula as possibilidades de sua realização, e que é do domínio do que Heidegger chama ciências matemáticas da natureza, através da física moderna.

Tal processo produtivo não se circunscreve à interferência nos processos da natureza, mas se alastra a todo agir humano e de tal sorte que essa interferência requisita e propõe todos os nossos saberes, produções e comportamentos. O modo de agir (ou ser, no caso) do homem ocidental tornou-se técnico. Trata-se de uma orientação de conduta que aplicamos a cada gesto e em relação a tudo. É esse o único modo que entendemos ser possível no trato de nossa existência e do que quer que nela se apresente.

Como olhamos para o mundo e para o existir desde essa ótica técnica, tudo o que faz parte do mundo fica subordinado a ela. Os elementos naturais, por exemplo, ficam compreendidos e disponibilizados para esse tipo de agir. Assim, uma floresta perde a sua con-

dição primordial de floresta e se restringe a ser reserva de madeira para a indústria; as plantas ficam disponibilizadas como reserva para a produção de remédios; os rios tornam-se reservas para o uso das hidroelétricas e a produção de energia, e assim por diante.³

Essa tendência técnica começou já na Antigüidade, com Platão e Aristóteles. Esclarecer essa indicação nos obriga a voltar às questões primárias e primordiais da filosofia: as interpretações de ente e ser.

Tudo o que tem manifestação, concreta e tangível, ou abstrata, incorpórea, virtual é ente. Não há discordâncias sobre isto no pensamento filosófico, mas, no que se refere ao ser, as posições divergem e, em verdade, é exatamente essa discussão que acaba por constituir a Filosofia.

Segundo Heidegger, desde Platão e Aristóteles teve início uma época no Ocidente cuja tendência foi a de demarcar e firmar um acordo tácito sobre uma *interpretação* a respeito do ser: que o ser é a noção, o juízo, o conceito do ente.⁴ Desde então, ser é tomado e tratado como uma idéia dos entes, de sua identidade, portanto, sua definição. Mas definição que é construída através de um método (indução e dedução) e comprovada logicamente (as provas da identidade, da não-contradição e do terceiro excluído). Portanto, uma defini-

3. Cf. HEIDEGGER, M. (2002), "A questão da técnica". In *Ensaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e outros, Petrópolis, Vozes.

4. Veja Aristóteles, Livro X da *Metafísica*.

ção, ou juízo, produzida cientificamente. É também desde então que ciência quer significar um procedimento através do qual se assegura a veracidade de uma idéia ou conceito.⁵

Tal delimitação do ser como juízo e a postulação de certa metodologia para sua produção é reafirmada e ampliada na Idade Moderna, inicialmente com Descartes. Com ele, o juízo ou a definição do ente (o ser) ganha uma restrição. O que importa ao pensar é a mensuração e o cálculo do ente, única maneira de se garantir e assegurar sua manifestação. O pensamento, através do Cógito ou Razão, certifica-se do ente. O método inicialmente apresentado por Aristóteles para se obter o conceito dos entes e que se voltava para a obtenção de sua essência ou substância é alterado desde a modernidade em favor da observação, classificação, generalização, previsão e controle dos entes — obras do cálculo da Razão. O que puder ser apreendido por esse processo metodológico é então reconhecido como real.

Ora, o que resulta de tal processo calculador é outra coisa do que a pretendida definição ou conceito que se requisitava na Antiguidade grega. O resultado desse novo processo é o que Heidegger identifica como a representação do ente. Representação é a recriação do real na medida do cálculo da razão. O real é a reconstrução calculadora do real: re-presentação do

5. Veja-se também sobre o assunto CRITELLI, Dulce Mara. (1996), *Análítica do sentido*, São Paulo, Brasiliense/Educ.

real. Em outras palavras, o real é a idéia do real.

A representação calculadora, portanto, não olha para o real a partir dele mesmo, mas das possibilidades representativas da razão. Olha para a lente com que se deve olhar para o real e, então, requisita o real a partir dela. Ao ajustá-lo à medida da lente, a representação calculadora realiza uma certa provocação (pró-vocação) do real. Ela o convoca a mostrar-se sempre da mesma maneira. Lança o real diante de si como *objeto* dessa provocação representativa. Assim, opera em relação ao real um *controle* sobre sua possibilidade de manifestação.

Em toda parte impera a interpelação provocadora, asseguradora e calculadora. Vieram já os tempos em que a produção de energias se estendeu até a fabricação de elementos e materiais que nem ocorrem na própria natureza.⁶

A esse poder de interpelação produtora está subordinado tudo o que é e pode ser: o existir diário dos homens, as ciências, a indústria e a economia. Ele obriga a uma equalização de todos os pontos de nosso universo, obriga a uma civilização planetária (vale, aqui, uma referência à globalização como uma forma de sua expressão).

O que Heidegger compreende como sendo a essência da técnica moderna, como estamos vendo, confunde-se com a essência mesma de nossa ocidentalidade. Especialmente porque ela não

6. HEIDEGGER, M. (1972), "Uma Carta", op. cit. p. 14.

é apenas um modo de pensar, mas um modo de ser que nos caracteriza enquanto civilização. A humanidade do homem, que na modernidade se estabeleceu sobre a razão calculadora, se amplia e sobrepuja na figura da técnica. É o agir técnico que dá ao homem, hoje, sua essência.

Para esse modo de ser viemos nos entregando desde há muito, à medida que o viemos reconhecendo como a única e mais verdadeira possibilidade de cuidar de nosso ser-no-mundo. Procuramos o domínio sobre o ente. Viemos constituindo a técnica como nosso modo de existir e lançando-a à nossa frente, conseqüentemente, como nosso destino. Há, portanto, um trajeto histórico que vimos percorrendo, em que nos enredamos como num círculo vicioso. Somos impelidos pela técnica que lançamos diante de nós como nossa requisição e única possibilidade.

Sobre o destino do Ocidente

Segundo Heidegger, o que vimos esquecendo nessa caminhada histórica foi o ser. A técnica nada mais é do que a reificação do ente e a retificação ininterrupta do primado do seu domínio. Quando aceitamos, numa decisão histórica, que o ser corresponderia ao conceito sobre o ente, igualamos ser e ente. Esquecemo-nos que o ser é tudo: o que falamos, o que projetamos, o que cuidamos, mas sua consistência é a de um vapor, como dizia Nietzsche. O ser é tanto as possibilidades de serventia que descobrimos nos entes (um pedaço de

madeira “é” um pé de mesa, um calço, uma arma...), como nosso próprio destino, cuja determinação é sempre impossível. O ser se faz, mostra-se, revela-se, torna-se disponível nos entes mas se recolhe.

Num exemplo do próprio Heidegger,⁷ quando tomamos nas mãos um pedaço de giz, o que seguramos é uma massa branca, quebradiça, etc. Seu ser (ser giz) se dá quando o usamos e não quando falamos dele e o queremos definir. E o mais interessante, exatamente quando o giz “é” propriamente giz, em uso, é nesse momento que ele vai deixando de ser. Nesse consumir-se do giz é que o giz é giz. Aí ele vai resvalando para o Nada, mas insistindo em seu ser. E quando esse pedaço de giz acabar, onde estará o ser giz? E quando esse giz não estiver à minha frente disponível como essa coisa com que escrevo, mas eu usá-lo como massa para fechar um buraco na parede? Ou quando usá-lo como um dardo que atiro em alguém para chamar sua atenção? O ente giz continua aí, mas seu ser, suas possibilidades de ser se transmutam, somem, alternam-se.

Com essa condição do ser de esvaír-se, a técnica moderna não sabe nem pode lidar. Se pudesse, se para esse movimento de velamento-desvelamento do ser (*aléthèa*) o Ocidente tivesse olhos, se se voltasse para ele com efetivo interesse, não teríamos experimentado, por exemplo, na esfera da políti-

7. HEIDEGGER, M. (1969), *Introdução à metafísica*, trad. Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, cap. I.

ca, nenhum regime totalitário, cuja possibilidade não passou, mas nos ameaça desde a sua primeira ocorrência.

O que Heidegger quer nos dizer é que o ser é sempre as possibilidades que descobrimos nos entes e que nos empenhamos por realizar. Possibilidades às quais damos realidade quando as empreendemos. Descobrimos as possibilidades de energia nas quedas d'água e empreendemos sua possibilidade de presentificação e uso. Ou descobrimos uma forma num bloco de mármore e o esculpimos para que ela se torne presente como uma obra. Ou percebemos que um filho tem um talento musical e oferecemos a ele todas as condições para que se torne um músico... Heidegger quer nos dizer que o ser é o *possível* do mundo e de nós mesmos, mas um possível entregue aos nossos cuidados e sob nossa responsabilidade.

Cuidar do ser é, então, cuidarmos da nossa própria destinação histórica: como os indivíduos exclusivos que cada um de nós é, mas ao mesmo tempo em conjunto, pois a humanidade não nos é dada apenas no singular, mas também no plural; não existimos, co-existimos. Como bem o explicita Hannah Arendt, não é o Homem, mas são os homens que habitam a Terra.⁸

O caminho inaudito para o Ocidente está no abandono decisivo do domínio sobre o ente e a entrega ao ser em seu poder-ser. Está no salto para

fora do círculo vicioso da interpelação produtora.

Todavia, de onde viria essa possibilidade de abandono e entrega? Essa possibilidade de transcendência? Certamente, não de dentro desse círculo fechado do Ocidente e que se constituiu em sua essência. Certamente, não do apelo do mesmo. Seria preciso que pudéssemos ouvir um outro chamado que não esse que brota do hábito do controle, da representação controladora, da interpelação produtora. Ouvir esse outro chamado implicaria que pudéssemos estar livres desse hábito, desgarrados dele. Ouvir outro chamado e descobrir outra possibilidade para nosso destino histórico, outra possibilidade para cuidarmos do ser exige uma passagem pelo silêncio. Exige uma parada no vazio, onde se possam esmorecer as determinações, os vícios da técnica, as explicações da ciência... Ouvir um outro chamado significa tampar os ouvidos para o mesmo, para o que já se sabe. Ficar em silêncio. E o silêncio é passagem. Tempo de esvaziamento e disponibilidade para a nova palavra, para a nova luz, para o novo apelo.

O novo caminho para o Ocidente é a abertura para o que lhe é inaudito e desconhecido. Especificar esse inaudito é impossível, exatamente por ele ser inaudito. Por isso o gosto e o cheiro de aventura que exala.

Enfim, sobre a nova ética...

Abrir-se para o inaudito, dissemos, exige entrar e permanecer no vazio silencioso que o antecede e prepara seu

8. Cf. ARENDT, Hannah. (1993), *A Vida do Espírito*, trad. Antonio Abranches e outros, 2ª ed, Rio de Janeiro, Relume Dumará.

advento. Exige entrar nesse lugar onde nada nos é dado nem nada está pronto. Pisar no chão do inseguro. Arcar com o gesto não codificado, com a decisão não autorizada, com o resultado desejado sempre em aberto, com o fim às escuras.

A interpelação produtora da técnica é sempre determinante do nosso agir, pensar e conduzir. A interpelação da técnica nos substitui em nossas decisões e ações. Substitui-nos em nossa responsabilidade, uma vez que ela nos oferece tudo já previamente delimitado. Substitui-nos naquilo que mais nos caracteriza em nossa humanidade, segundo Heidegger, que é o sermos “pastores do ser”,⁹ cuidadores do ser.¹⁰

Como a técnica estipula o modo do cuidar, ela nos rouba nossa condição: cuida por nós. A abertura ao inaudito, a passagem pelo silêncio, a ausência de referências do novo possível significam, em última instância, a reintegração da mais essencial determinação do nosso ser, a reintegração da posse de nós mesmos, da nossa condição de encarregados pelo ser. Que a técnica nos auxilie, mas não nos retire de nós mesmos.

A nova ética é essa da decisão e do encargo por si mesmo, ou seja, pela responsabilidade do cuidar de nosso destino histórico.

Decisão fundamental, que não diz

apenas se devemos criar e fazer isto ou aquilo. Se devemos assinar tratados desta ou daquela natureza, mas diz respeito à decisão pela nossa humanidade: que não nos tomem mais das mãos a possibilidade da autoria de nossa destinação histórica. Que não nos enganemos mais que comandamos quando estamos sendo comandados, especialmente pelas nossas próprias ilusões sobre quem somos e o que podemos.

A nova ética diz respeito à redescoberta do lugar do homem no universo. Mas está por se fazer. E é isto, justamente, que torna o pensamento de Heidegger uma espécie de testamento: juntamente com as descobertas que nos lega, repõe-nos na liberdade de decidirmos o que fazer com elas.

Recebido em 19/3/2002
Aprovado em 30/10/2002

9. Cf. HEIDEGGER, M. (1967), *Carta sobre o Humanismo*, trad. Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

10. Cf. HEIDEGGER, M. (1974), *El Ser y el Tiempo*, trad. José Gaos, 5ª ed. México, Fondo de Cultura Económica.

Dulce Critelli, professora doutora do Departamento de Filosofia da PUC-SP.
E-mail: dmcritelli@ig.com.br